

ET MAINTENANT LE DÉsir - 4 QUESTÕES SOBRE O LUGAR HOJE

Paulo Brito da Silva¹

RESUMO

Pensar sobre qual o sentido e a utilidade do lugar hoje torna-se numa indagação sobre a essência humana. Habitar é uma experiência que ocorre dentro de nós, que interpreta as relações espaço-temporais entre as coisas que nos rodeiam, e que também tem uma componente ética, pressupondo uma finalidade, rejeitando uma aceitação indiferente das inevitabilidades ditas estruturais. Porque, sem essa vontade, a arquitectura é apenas um produto de consumo. Mas, mesmo como mero produto, apenas prospera se seduzir as pessoas, se lhes proporcionar uma experiência e for lugar, apelando à memória, à imaginação e ao sentidos. Não pode ser indiferente, tem que deslumbrar, emocionar e cativar. O desejo tornou-se no factor de re-humanização, de re-centramento no sujeito, numa experiência do espaço e das coisas, relacionado a coisa construída com o sujeito através da comunicação, nas suas mais diversas formas. A arquitectura do desejo é comunicação. A arquitectura como arte predominantemente pública é um meio, uma oportunidade de emocionar as pessoas e, de certo modo, um desafio ético. Habitamos na megalopolis reconhecendo-a como inabitável, em que cada pensamento, cada imagem, cada sensação e cada afecto são um habitar do inabitável, como se fosse uma homenagem à casa que já não podemos habitar, mas que nos habita, deixada nas paredes, como se fosse um graffiti ou um protesto.

PALAVRAS-CHAVE

Arquitectura; lugar; ética; desejo.

ABSTRACT

Thinking about the sense and the utility of the place today becomes in a reflection on the essence of the human being. To inhabit is an experience that happens inside of us, interpreting the space-time relations between the things that surround us, and that also has an ethical component, intending a purpose, rejecting an indifferent acceptance of the so said structural inevitabilities. Because, without this will, the architecture is only a product. But, exactly as mere merchandise, it only prospers if it delights persons, as an experience to them, and become place, appealing to memory, imagination and senses. It cannot be indifferent; it has to fascinate, to emote and to seize. The desire become a humanizing approach, concerning on the person, as an experience of the space and things, connecting the thing constructed with the human being with communication, in its all different forms. The architecture of the desire is communication. As predominantly public art, architecture is a chance to delights persons and, from a different perspective, an ethical challenge. We inhabit in the megalopolis recognizing it as uninhabitable, where each thought, each image, each sensation and each feeling are the inhabitation of the uninhabitable, as it was an homage to the house that already we cannot inhabit, but still inhabits us, left in the walls, as a graffiti or a protest.

KEY-WORDS

Architecture; place; ethics; desire.

¹ Doutor em Arquitectura. Professor Auxiliar na Universidade Lusíada de Lisboa. E-mail: pbs@atlanta.pt

1. IS THERE ANYTHING THAT MAY MAKE ANY SENSE WHEN WE WRITE ABOUT A SENSE OF PLACE?

O lugar é uma experiência, em que uma pessoa se relaciona com as coisas à sua volta, com todas as potencialidades que lhe são facultadas como totalidade, corpo e espírito, com a razão, a memória e os sentidos. Evidentemente os seres humanos podem estar no espaço de outro modo, mas tal não será o modo próprio dos humanos, será algo que esquece a humanidade do humano (ou uma parte importante). Enquanto os humanos forem humanos, só o serão se habitarem em lugares, em espaços e sítios que qualificam e a que não são indiferentes. Os espaços habitados e construídos pelos humanos são a arquitectura, sendo os outros apenas mera edificação.

Apenas o lugar faz sentido. O lugar é o único modo como os humanos habitam na terra, pelo que é no lugar que se preserva a humanidade do humano. O lugar é uma experiência humana que ocorre dentro de cada um de nós, com a razão, a memória e os sentidos, interpretando as relações espacio-temporais entre as coisas que nos rodeiam. É o modo como os humanos habitam na terra, em que o tempo e o espaço são percebidos e consciencializados dentro de nós, pelo que só existem, na medida em que o nosso corpo os articula num lugar. O lugar está dentro de cada um nós, e é uma experiência única e irrepitível.

Como experiência mais completa que a experiência cartesiana, porque feita com a razão, mas também com a memória e os sentidos, o lugar é uma relação estabelecida num sítio e num momento entre mundo e terra. Por mundo entende-se *“uma ideia de como ser, um in-objectal ou transcendental, decerto modo prévia, relativa ao ente na sua totalidade”*² (corpo e espírito inseparáveis). Um mundo é uma ideia, de certo modo prévia mas repetível, que considera um como ser e a finalidade do sua acção. Pelo que o habitar humano considera a sua finalidade.

Um lugar não é então uma qualidade própria dos sítio e dos espaços...é algo experimentado, percebido por um humano, de modo único e irrepitível. Esse lugar como não é um atributo próprio das coisas à nossa volta, como é atribuído de modo diferente por cada humano, não pode ser único.

Este aspecto é evidenciado numa anotação de Heidegger³, expondo que *“não há, justamente, uma unidade própria e não fragmentada dos lugares. Qual pode ser ela e onde a procurar? A fim de ser «própria», essa unidade deverá preencher duas condições, sendo uma delas negativa – não ser mundana –, e a outra positiva – ser derivada do próprio ser dos lugares”*.

Somos nós que, individualmente, atribuímos ou depositamos significados ou imagens nas coisas que nos rodeiam, e, por isso, não pode haver uma unidade própria e não fragmentada dos lugares.

Se o lugar é algo que é mundano e atribuído, que não é próprio das coisas, não pode ser encontrado nos sítios e nas coisas, porque não está lá...está apenas nos humanos que o puderem experimentar.

Para o conseguir, os arquitectos apenas interpretam aquilo que conseguem perceber e consciencializar nos indícios que encontram no espaço e nas coisas, acrescentando o que proporcionam às pessoas que vão estar nesses espaços. O lugar é então uma disposição de indícios que proporciona à pessoas uma experiência de habitar. É preciso pensar nas pessoas que lá vão estar... Sob este aspecto, a “construção do lugar” ou a arquitectura são um agir

² HEIDEGGER, Martin, 1970, 1992, *A origem da obra de arte*, Lisboa

³ FRANCK, Didier 1986, *Heidegger e o problema do espaço*, Lisboa

sobre o espaço e as coisas, depositando indícios que comuniquem, emocionem, apelem à memória ou provoquem sensações às pessoas que possam vir a ter essa experiência.

2. WHAT DOES IT MEAN TODAY?

A questão do significado contemporâneo do lugar tem sido posta de dois modos. Um dos aspectos é o tema do não-lugar. O assunto do não-lugar foi desenvolvido por Marc Augé⁴, no seu conhecido livro “Non-places, introduction to an anthropology of supermodernity”, onde introduziu um conceito de não-lugar diferente dos até então existentes, que o colocavam sempre num espaço não físico (que como é evidente, também não poderia ser percebido pela antropologia).

Pelo contrário, o não-lugar de Augé é um espaço físico, edificado, mas que é usado sem que desperte ou comunique emoções ou sentimentos às pessoas. São genericamente grandes espaços, como supermercados, edifícios de transportes, estações de abastecimento, utilizados com indiferença por multidões.

A definição de Augé é antropológica e, sob esse ponto de vista, interessante. Mas o lugar não se pode encontrar com antropologia porque é algo mais complexo, pertencendo, por exemplo, também à ontologia. E, se a metodologia não pode encontrar o lugar, também não pode assegurar que este não existe para além do que consegue detectar. Marc Augé refere isso, na parte final do seu livro, quando escreve que⁵ “*a realidade de um fenómeno nunca foi exhaustivamente compreendida pela análise dos seus determinantes*”.

Por outro lado, a questão não é simples mesmo sob o ponto de vista antropológico, porque um determinado espaço físico pode ser um lugar para uns e não para outros, como bem demonstrou, no seu estudo, Amos Rapoport⁶. No deserto Australiano, onde os brancos não encontravam nada, os aborígenes tinham construído um complexo mundo que só eles viam, sem qualquer referência artificial. Ou seja, o mesmo espaço pode ser percebido de modo diferente para cada um de nós e não é possível assegurar que não significa nada para ninguém, ou que é indiferente para todos.

Em arquitectura sempre se distinguiu o sítio como um espaço físico que não é entendido como um lugar...e a mera edificação da arquitectura. Mas, nos meios da cultura arquitectónica registou-se algum entusiasmo por este tipo de edifícios, passando a ser estudados com entusiasmo espaços que (aparentemente) não comunicam e resultam de uma repetição padronizada à escala global. Os supermercados, as estações de serviço, os centros de transportes, etc... passaram a ser entendidos como ultimo significado da contemporaneidade (sem qualquer consideração sobre a sua finalidade) exactamente porque são utilizados com indiferença, como resultado das superabundâncias do supermodernismo, bem descritas, por exemplo, por Hans Ibelings⁷.

A análise de Marc Augé assenta também num pressuposto que pode ser equívoco - o lugar como acontecer ou experiência estrutural. Como já foi referido, o lugar é uma experiência humana, que se passa dentro do conjunto inseparável corpo e espírito. O lugar não está nas coisas ou no espaço que no rodeia mas dentro de nós. São os homens que, individualmente, depositam significados, memórias ou sensações nessas coisas ou nesses espaços, pelo que essas características são atribuídas e não são próprias das coisas. O lugar

⁴ AUGÉ, Marc, 1995, *Non-places, introduction to an anthropology of supermodernity*, London, New York, Verso

⁵ AUGÉ, Marc, 1995, *Non-places, introduction to an anthropology of supermodernity*, London, New York, Verso pp 118 - “*the reality of a phenomenon has never been exhaustively understood by analyzing its determinants.*”

⁶ RAPOPORT, Amos, 1972, *Pour une anthropologie de la maison*, Londres

⁷ IBELINGS, Hans, 2003, *Supermodernism: architecture in the age of globalization*, NAI, Roterdão

sócio-físico e estrutural vem das relações do sujeito com os outros sujeitos, que por sua vez estão interpenetradas com as relações com os outros através do lugar no seu aspecto físico⁸.

Então porque, ou como, procurar o lugar como algo com características próprias, pretendendo detectar algo nas coisas ou no espaço que não pode estar lá ... não se consegue tirar uma fotografia de um lugar...ou de um não-lugar. E pode ser, precisamente, investigar o espaço e as coisas como se tivessem atributos próprios, como se fossem uma realidade não fragmentada, que impede que lá se encontre algo, concluindo pela sua inexistência.

A perspectiva de Augé está, neste aspecto, muito relacionada com o segundo tema do significado contemporâneo do lugar, que foi exposto J. Derrida⁹ no texto “Maintenant”, onde escreve sobre descentramento do sujeito no objecto, logo do descentramento do lugar ou da arquitectura. O descentramento do sujeito marca uma era, que denominou de Pós-humanismo, não como todos os outros “pós” que proliferam, e que ainda estão presos ao historicismo, mas que se apresenta como irreversível, uma ideologia de progresso. E acrescenta que o “Maintenant” não nos questiona sobre as questões essenciais: “*O que é a arquitectura hoje? O que pensamos sobre o estado corrente da arquitectura? O que é novo no seu domínio? Para a arquitectura já não define um domínio*”. Provavelmente porque lhe são indiferentes.

Noutro texto, que J. Derrida¹⁰ intitulou “*arquitectura onde o desejo possa viver*”, é referido, como objectivo ou como promessa, um compromisso e trabalho para que o pensamento arquitectónico tenha lugar. “*A emergência de uma nova relação entre o individual e a comunidade, entre o original e a reprodução. (...) Babel também é isso: a diversidade de relações entre o evento arquitectónico de uma cultura para a outra. Saber que está a ser feita uma promessa ainda não mantida na sua forma visível. Lugares onde o desejo se possa reconhecer, onde possa viver*”.

3. HAS IT LOST ITS RELEVANCE TOTALLY?

Considera-se que ainda é possível continuar a reconhecer como estando ainda válida a afirmação de J. Herzog¹¹, que, em 1995, assegurou que permaneciam todas as condições para continuar a afirmar que as pessoas ainda existem e não foram substituídas por clones, máquinas ou por computadores.

Este facto, aparentemente irrefutável, continua a colocar a questão na relação entre o sentido da arquitectura e o sentido do lugar, enquanto modo de habitar os humanos. Se a arquitectura é a construção de espaços humanos e se estes concretizam o modo de habitar nesses espaços reconhecendo-os como lugares, então a arquitectura continua a estar relacionada com a construção de lugares.

⁸ MONTAÑOLA THORNBERG, Josep, 1996, *La arquitectura como lugar*, UPC, Barcelona – citando Heidegger.

⁹ DERRIDA, Jacques, 1986, *Point de Folie – maintenant l’architecture*, AA files - “*Maintenant: neither a modernist signal nor even a salute to postmodernity. The post-s and posters which proliferate today (poststructuralism, postmodernism, etc...) still surrender to the historicist urge. Everything marks an era, even the decentering of the subject: posthumanism. It is as if one again wished to put a linear succession in order, to periodize, to distinguish between before and after, to limit the risks of reversibility or repetition, transformation or permutation: an ideology of progress. (...) “Maintenant”, the Word will not flutter like the banner of the moment, it will not introduce burning questions: What about architecture today? What are we to think about the current state of architecture? What is new in this domain? For architecture no longer defines a domain.*”

¹⁰ DERRIDA, Jacques, 1986, *Architecture where the desire may live*, Domus 676 - “*A new relationship between the individual and the community, between the original and the reproduction is emerging. (...) That too is Babel: the diversity of relationships with the architectural event from one culture to another. To know that a promise is being given even if it is not kept in its visible form. Places where desire can recognize itself, where it can live*”.

¹¹ HERZOG, Jacques, 1995, *A geometria oculta da natureza*, in *Jornal dos Arquitectos*. Lisboa, ano VIII, Agosto, pp 13.

Numa era de descentramento do sujeito, ou de pós-humanismo, concentrada nas coisas, em que a ilusão da superabundância encobriu a era da exiguidade, já nada parece ser sustentável. Não só o esgotamento dos recursos naturais e da capacidade para absorver poluição, mas também uma economia e desumanizada e virtual ou um território e não-cidades degradadas. E o desaparecimento da arquitectura, em crise porque se perdeu como conteúdo e perdeu a influência .

Na vida contemporânea escasseiam algumas coisas importantes. Falta o espaço urbano, ocupado pela circulação, que as pessoas não usam e em que não se reconhecem. O espaço doméstico é também apertado e inapropriado. As pessoas vivem entre multidões, mas sós, e o espaço aglomera mas separa.

Diariamente, multidões consomem-se entre casa e o trabalho, em percursos que roubam algumas horas. O tempo é também uma escassez. Compreensivelmente, não restam tempo e recursos para a visita a um museu, uma livraria, uma galeria, ou até uma sala de cinema.

A consciência da insustentabilidade e da finitude começa a ser chocante. Um inumano que ignora tudo o que não possa ser medido, quantificado racionalizado, e que se difunde e reproduz sem um ideal ou finalidade, espalhando insensibilidade e uniformidade.

A arquitectura é a resposta, porque é uma construção de lugares, um forma de (r) estabelecimento do humano. Porque arquitectura está lá, todos os dias. As pessoas usam-na e percorrem-na, no que deve ser uma experiência enriquecedora e transformadora. Uma oportunidade para despertar a sensibilidade e imaginação, estimular a apropriação dos espaços e melhorar o modo de viver. Sob este aspecto o lugar parece ser de urgente relevância.

Quando, em 1927¹², Le Corbusier proclamou a “*arquitectura ou revolução*”, foi com outro sentido, mas talvez não pudesse imaginar como esta frase seria tão desesperadamente adequada aos nossos tempos.

4. OR ARE THERE OTHER WAYS OR POSSIBILITIES TO RE-THINK THE KEY ROLE OF HOW WE ARE ABLE TO ESTABLISH A SENSE OF IDENTIFICATION WITH THE PLACES WE INHABIT OR TRY TO INHABIT?

Pensar sobre qual o sentido e a utilidade do lugar hoje, torna-se, como qualquer outro modo de cultura, numa indagação sobre a essência humana. Evidentemente, Amin Malouf¹³ coloca esta questão como central quando afirmou: “...a cultura...a sua missão é formular as perguntas essenciais. ¿Quem somos? ¿Onde vamos? ¿Que pretendemos construir? ¿Que sociedade?...Este papel da cultura é ainda mais crucial em épocas perturbadas. Ela nossa é uma época perturbada... Se nos descuidamos, este século recentemente começado será um século de retrocesso ético...” As artes e a literatura podem lembrar o diferente, o específico, o único, o irrepetível. Podem recordar a memória e os sentidos. Podem emocionar. E podem reencontrar outros modos de nos pensar.

Como explica Joseph Muntañola¹⁴, o habitar humano tem uma componente ética,

¹² CORBUSIER, 1927, *Vers une architecture*, Paris

¹³ MALOUF, Amin, 2010, discurso no prémio Príncipe das Astúrias - “...La cultura...Su misión es formular las preguntas esenciales. ¿Quiénes somos? ¿Dónde vamos? ¿Qué pretendemos construir? ¿Qué sociedad? ...Este papel de la cultura es aún más crucial en épocas descarriadas. Y la nuestra es una época descarriada... Si nos descuidamos, este siglo recién empezado será un siglo de retrocesso ético...”

¹⁴ MUNTAÑOLA THORNBERG, Josep, 1996, *La Topogénese fondement d’une architecture vivante*, Paris – pp89 “La dimension esthétique de la topogénese ne peut pas survivre seule ; elle nécessite la politique, l’éthique et la logique a fin de maintenir la vie humaine. (...) Comme la loi, l’architecture naît d’une « Sagesse » qui « prévoit »

pressupondo uma finalidade. É significativo que não tenha surgido pesquisa relevante sobre modelos ou tipologias para as cidades e edifícios do nosso tempo. Limitamo-nos a constatar e aceitar as não-cidades, os não-lugares, as não-construções, os vazios urbanos detectados racionalmente. Não-arquitectura.

Habitar também significa pensarmo-nos e é urgente voltar a fazê-lo, rejeitando uma aceitação indiferente das inevitabilidades estruturais. Necessitamos de uma profunda pesquisa sobre os modelos ou tipologias que melhor se adequam ao que queremos ser, sem receio das ideias ou até de palavras como ideologia ou utopia. Porque, como disse M. Tainha¹⁵ “...por vezes a arquitectura esquece a dimensão ética e é apenas um produto de consumo...”

No entanto, a arquitectura como mero produto de consumo também tem um extraordinário interesse, na medida em que para ser consumida tem que seduzir as pessoas. A arquitectura como produto de consumo não pode ser indiferente, tem que ser arquitectura, tem que ser lugar, necessitando de proporcionar uma experiência apelando à memória, à imaginação e aos sentidos que cativa as pessoas. As coisas construídas não são nada sem as pessoas que escolhem o seu uso, a sua fruição ou a sua contemplação. Neste sentido, prosperar num ambiente concorrencial implica despertar desejo de consumir que, necessariamente, torna os consumidores no fim e arquitectura no meio.

Esta necessidade de seduzir introduz-nos num segundo aspecto de como o lugar se torna, no contexto contemporâneo, num factor de humanização, de re-centramento no sujeito (consumidor), numa experiência do espaço e das coisas, necessariamente individual, diferente, única e irrepetível.

A sedução e o apelo ao desejo, são o modo preponderante como a arquitectura contemporânea, de diversos modos, se tem continuado a afirmar, empenhando-se na criatividade e continuando a diferenciar-se nos meios edificados uniformizadamente inexpressivos, indiferentes.

A arquitectura, como arte que deseja seduzir as pessoas, cria objectos que pretendem proporcionar uma experiência, relacionando a coisa construída com o sujeito através da comunicação, nas suas mais diversas formas. A arquitectura do desejo é comunicação.

São diversificadas as estratégias de comunicação, algumas mais vocacionadas para os sentidos, outras para as imagens ou memória e outras mais mentais, porque relacionadas com um discurso. Mas todas visam proporcionar algum tipo de encanto, como já descrevia Paul Valéry, em *Eupalinus ou l'Architecte*¹⁶ - “*Todos os cuidados dedicados à durabilidade do edifício eram menores, comparados com os que usava quando elaborava as emoções e as vibrações da alma futuro contemplador da sua obra*”.

Conferindo grande importância à de-construção do texto e da sua estrutura (lugar sócio-físico), Daniel Libeskind¹⁷ considerou que “*a visibilidade da arquitectura testemunha e estrutura o seu aspecto invisível, de modo que o visível e o invisível são realmente parceiros na produção desse embrião chamado arquitectura*”. Mas a textualidade, apesar de adquirir autonomia, é como comunicação uma experiência, porque “*estar envolvido na arquitectura*

le meilleur environnement possible, ou l'un des meilleurs environnements possible”.

¹⁵ TAÍNHA, Manuel - conferência na Universidade Lusíada, em 27.10.2010.

¹⁶ VALÉRY, Paul, 1921, *Eupalinus ou l'Architecte* - “*Mais toutes ces délicatesses ordonnées a la durée de l'édifice étaient peu de chose au prix de celles dont il usait, quant il élaborait les émotions et les vibrations de l'âme du futur contemplateur de son œuvre*”.

¹⁷ LIBESKIND, Daniel, 1996, *A conversation between the lines*, CROQUIS 80, Madrid - “*Architecture's visibility understates and structures its invisible aspect, so that the visible and the invisible are really co-partners in producing the embryo called architecture. (...) Being involved in architecture is part of an event. It's like keeping a small flame, in a cold wind in the coming winter. What could one have to do for that flame to burst into something that could warm ones hands and body in a cold winter?*”

é parte de um acontecimento. É como manter acesa uma pequena chama no meio de um gelado vento invernal. Que se deve fazer para que essa chama numa fria tarde de inverno se converta em algo que possas usar para aquecer as mãos e o corpo”.

Não sendo apreciador das técnicas semióticas, Steven Holl¹⁸ ao construir pretende “comunicar com e emocionar e emocionar o maior numero de pessoas” entendendo que “se experimenta um edifício como se experimenta uma peça de música, a audiência numa sala de concertos não tem que conhecer os detalhes da estrutura de uma peça de música em particular, ou as técnicas compositivas do compositor, se bem que a sua experiência possa ficar reforçada por tal conhecimento”. A arquitectura de Holl seduz-nos com a manipulação da luz e das texturas, sugerindo valores espirituais¹⁹.

Numa entrevista em que, curiosamente, começou por falar de moda, J. Herzog²⁰ enfatizou as sensações e emoções que queria provocar nas pessoas, dizendo que “*pensamos e claro esperamos que o nosso trabalho no mínimo tente apelar à vida e à vivência, apelando aos cinco sentidos. (...) Estamos interessados no impacto físico e emocional directo, como o som da música ou o cheiro de uma flor. Não estamos à procura de significado nos nossos edifícios. (...) A força dos nossos edifícios está no impacto imediato e visceral que têm no visitante. Para nós isso é tudo o que é importante na arquitectura*”.

Se o conceito de arte pública existir, será, com certeza, relativo à arte que não é feita nem pode ser encerrada nos museus, ou nas colecções privadas, mas que está acessível a todos, na rua, ou noutros tipos de espaço público. Nesse sentido, a arquitectura é uma arte predominantemente pública por excelência, no sentido em que se faz no espaço comum, e pode ser usufruída por todos, como experiência individual de lugar, desde que comunique e apele ao desejo. O objecto arquitectónico é um meio de despertar as pessoas, tornando-se num desafio e também, de certo modo, numa oportunidade ética.

É talvez neste sentido que Lyotard escreve que “*habitamos na megalopolis apenas na extensão em que a declaramos inabitável. De outro modo apenas lá estamos alojados.*” Cada pensamento, cada imagem, cada sensação e cada afecto são um habitar do inabitável, como se fosse uma homenagem à casa que já não podemos habitar, mas que nos habita, deixada nas paredes, como se fosse um graffiti. Cada não-construção é um enorme desperdício. Cada lugar é, se quiserem, um protesto.

PAULO BRITO DA SILVA

Doutor em Arquitectura e Mestre em Teoria da Arquitectura pela Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa. Licenciado em Arquitectura pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. Professor Auxiliar, desde Janeiro de 2010, na Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa, onde leccionou como assistente desde 1990. Subdirector do Fórum UNESCO Portugal, Universidade e Património, entre 1998 e 2003.

Subdirector do Centro Lusíada de Estudos Tecnológicos entre 1998 e 2002. Foi assessor

¹⁸ HOLL, Steven, 1998, *A conversation with Steven Holl*, CROQUIS 93, Madrid – “ Obviously, one wants to communicate with and touch as many people as possible (...) To me one experiences a building like one experiences a piece of music. The audience in a concert hall does not have to know the details of the structure of a particular piece or the compositional techniques of the composer to appreciate the music, though its experience can be enhanced by such knowledge.”

¹⁹ PÉREZ-GOMEZ, Alberto, 1998, *La arquitectura de Steven Holl: em busca de una poética de lo concreto*, CROQUIS, 93, Madrid

²⁰ HERZOG, Jacques, 1997, *a conversation with Jackes Herzog*, CROQUIS 84, Madrid - “*we think and of course we hope that our work at least tries to appeal to life and to liveliness, it appeals to the five senses. (...)we are interested in the direct physical and emotional impact, like the sound of music or the scent of a flower. We are not looking for meaning in our buildings. (...) The strength of our buildings is the immediate, visceral impact they have on a visitor. For us that is all that is important in architecture.*”

do Ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações entre 1989 e 1990 e assessor do Secretário de Estado dos Transportes entre 2003 e 2004. Foi membro da Equipe de Missão do Metro do Sul do Tejo, em representação do MOPTH, entre 2004 e 2006. É funcionário do Metropolitano de Lisboa, EPE desde 1991, onde colaborou no planeamento e projecto do desenvolvimento da rede e assessorou o CG. Foi membro da Direcção e secretário da Assembleia Geral da ADFER – Associação para o Desenvolvimento Ferroviário. Participou em várias conferências e seminários e é autor de diversos artigos em revistas.